

Carta do Editor

Nesta edição do Jornal Alquimista noticiamos o título de Professor Emérito da USP, recebido pelo Prof. Walter Colli do Instituto de Química. Com pesar informamos sobre a morte do Prof. Renato Giovanni Cecchini. Nós trazemos aqui as homenagens e memórias de diversos colegas dos Instituto de Química-USP ao Prof. Cecchini. Portanto, as homenagens contam com matérias dos seguintes docentes: Henrique Eisi Toma, Jivaldo do Rosário Matos, Paulo Sérgio Santos, Shirley Schreier, Peter Wilhelm Tiedemann, Mauro Bertotti, Ana Maria da Costa Ferreira, Paulo Olivato, e Tibor Rabóczkay. Desejamos a todos uma proveitosa leitura!

Walter Colli recebe título de Professor Emérito da USP

Os professores Antonio Candido de Mello e Souza, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH); Erney Felício Plessmann de Camargo, do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB); e Walter Colli, do Instituto de Química (IQ), foram agraciados com o título de Professores Eméritos da Universidade. A concessão da honraria foi aprovada pelo Conselho Universitário, em sessão virtual realizada no dia 9 de março.

O título de Professor Emérito é concedido a professores aposentados que se distinguiram por atividades didáticas e de pesquisa ou que tenham contribuído, de modo notável, para o progresso da Universidade. Desde a fundação da USP, em 1934, foram outorgados 17 títulos a docentes da instituição.

“São três nomes muito marcantes na história da nossa Universidade e que representam os alicerces de nossa instituição”, definiu o reitor Vahan Agopyan.

A homenagem aos docentes também foi comemorada pelos conselheiros presentes à sessão. Para o diretor do Instituto de Química de São Carlos (IQSC), Emanuel Carilho, “os nomes dos professores Walter Colli, Erney Camargo e Antonio Candido são, sem dúvida, da maior estatura dentro da USP e, como não deveria ser diferente, também são nomes de envergadura nacional”.

A representante da Congregação da Faculdade de Saúde Pública (FSP), Marly Augusto Cardoso, destacou que “é um grande orgulho contar com a atuação desses professores na história da USP e do Brasil”.

Walter Colli é graduado em Medicina, doutor em Bioquímica pela Faculdade de Medicina e livre-docente pelo Instituto de Química. Foi professor titular da USP de 1980 até 2009 e atualmente é colaborador sênior do IQ, onde foi diretor em dois períodos, 1986 a 1990 e 1994 a 1998, e recebeu o título de Professor Emérito. Foi diretor do Instituto Butantan, em 1999, e do Instituto de Relações Internacionais da USP, entre 2006 e 2009. Teve participação ativa nos órgãos colegiados da Universidade, como o Conselho Universitário e a Comissão Especial de Regimes de Trabalho (Cert).

É Doutor Honoris Causa pela Universidade de Buenos Aires e membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia de Ciências do Mundo em Desenvolvimento (TWAS). É membro da Ordem do Mérito Científico do Brasil nas classes Comendador e Grã-Cruz.

Em 2014, foi agraciado com o Prêmio Almirante Álvaro Alberto de Ciência e Tecnologia. Tem experiência na área de Bioquímica e Biologia Molecular, atuando principalmente na área de interação entre *Trypanosoma cruzi* e célula hospedeira. Durante 50 anos, ensinou Bioquímica e Biologia Molecular, anualmente, para estudantes de graduação.



Prof. Walter Colli

Adriana Cruz

Jornal da USP (09/03/2021)

Alguns momentos do Professor Renato Giovanni Cecchini

Uma reflexão sobre o ensino no Instituto de Química nos últimos 50 anos

Pode parecer estranho, mas Renato Cecchini foi um dos meus colegas mais frequentes e antigos em todas as Comissões que participei de 1970 a 2000, no Instituto de Química da USP. Por isso, ele faz parte da minha história, e da minha vida acadêmica.

Em 1945, o Renato Cecchini ingressou na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, no Curso de Química, graduando-se em 1949. Com uma bolsa de estudos da "Union de l'Université de Industrie de Bordeaux" estagiou na *Faculté de Ciencias de Bordeaux*, trabalhando na área de espectroscopia vis-UV e Raman. Foi contratado como professor assistente no Instituto de Tecnologia da Aeronáutica (ITA) até 1952. A ele juntou-se o irmão Marco Antonio Cecchini, doutorado em 1952, sob orientação do Prof. Heinrich Rheinboldt. Em 1953, Renato Cecchini foi contratado como docente na USP, e realizou seu doutorado com o Prof. Simão Mathias sobre polarização dielétrica em alcanoditóis, conquistando o título em 1962.

Em 1969, conheci o Professor Cecchini quando cursei a disciplina de Físico-Química. Ele era o coordenador do ensino na área de Físico-Química, e respondia principalmente pela organização da disciplina no Departamento. Praticamente montou o laboratório de Físico-Química Experimental, o qual se tornou um laboratório modelo, depois aprimorado pelos jovens docentes Fernando Galembeck, Yoshio Kawano e Eduardo Vicchi. Construiu, de forma artesanal, um laboratório incrível, com banhos termostáticos controlados por lâmpadas de filamento e relês de mercúrio, e reunindo uma vidraria sofisticada para medidas de densidade, pressão de vapor, e cinética química. Juntamente com um grupo de docentes do Instituto de Química da USP também contribuiu para as atividades de Ensino de Química no recém-criado Instituto de Química da Universidade de Campinas (UNICAMP). Como docente, suas aulas teóricas eram rigorosamente planejadas, usando de forma impecável o quadro negro, sem nunca precisar do apagador. Sabíamos que a aula estava acabando, quando chegava ao final do quadro negro, com sua escrita perfeita, que só perdia para a caligrafia impressionante de Heinrich Rheinboldt.

Poucas pessoas marcaram tanto o ambiente que frequentava como o Prof. Cecchini. Seu timbre de voz era único, inconfundível! Ele animava todas as reuniões. E sua chegada não podia deixar de ser notada, com seu belíssimo carro Jaguar!

Minha convivência com Renato Cecchini começou em 1971, assim que comecei minhas atividades docentes, como Professor Assistente no IQUSP. Havia uma grande preocupação com o Ensino, que estava voltado para a implantação da Reforma Universitária no atual campus da USP. Por alguma razão, me colocaram na Primeira Comissão de Ensino, acho que ainda não oficial presidida pela Profa. Blanka Wladislaw. Comigo estavam os Professores Ivo Jordan, e Roberto Pitombo. No ano seguinte, Wladislaw e Jordan deixaram a Comissão, sendo substituídos pelos Prof. Luciano do Amaral, e depois Hans Viertler, e pelo Prof. Renato G. Cecchini. Ao ser eleito Presidente da Comissão de Ensino de Graduação, recebi uma grande missão: reestruturar o Curso de Química. O cenário nesse momento pode ser visto na Tabela 1 que resume o Curso de Química no ano de 1970, quando me formei.

Como pode ser visto, praticamente a metade da carga didática (1500 horas) era voltada para a Química Analítica. A



Prof. Renato Giovanni no laboratório (esquerda) e com sua turma de 1946 (direita).

Química Inorgânica era muito carente (120 horas), mas plenamente compensada pela maestria do saudoso Prof. Ernesto Giesbrecht. Quando fiz a primeira proposta de reforma curricular, não havia escolha: tinha que reduzir a Química Analítica, e ampliar a Físico-Química e a Química Inorgânica. Levou mais de 10 anos para fazer isso, e a presença do Cecchini foi de fundamental importância, principalmente porque ele me sucedeu na Presidência da Comissão em 1976, continuando até 1988. Nesse período fui mais um conselheiro na Comissão, por dividir o meu tempo com a Comissão de Pós-graduação. Cecchini também colaborou com a FUNBEC (Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino das Ciências), exercendo inclusive o cargo de Diretor Tesoureiro. Participava frequentemente de bancas e comissões avaliadoras no Instituto de Química.

Em 1988, retornei à Comissão de Ensino, com um novo propósito lançado pelo Professor Senise: formar químicos com maior aptidão para pesquisa. Um novo grupo de trabalho foi formado, realizando reuniões semanais por mais de um ano. Nesse período foram analisadas e discutidas todas as ementas para poder organizar o novo conteúdo, criando metas para serem atingidas e cumpridas. O curso tinha uma nova filosofia, e a equipe era formada pelos Professores Atilio Vanin, Etelvino Bechara, Hans Viertler, Roberto Pitombo, e eu. O presidente era o Prof. Senise. A nova carga horária pode ser vista na Figura 1, na coluna 1990.

O porquê dessa mudança? O final dos anos 80 foi marcado pelo PADCT (Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - 1985/1995) que investiu U\$ 87.500.000 em um Programa Nacional voltado para as áreas de Química e Engenharia Química, inspirado na experiência bem-sucedida do Programa NAS/CNPq (1969/1976). A enorme competitividade gerada em âmbito nacional provocou uma pressão acirrada sobre

Tabela 1. Resume do Curso de Química no ano de 1970

50 ANOS DO CURSO DE QUÍMICA (CRÉDITOS AULA)				
	1970	1990	2005	Atual
Q.Analítica	1500	690	420	300
Fis.Quim.	600	480	240	300
Q.Orgânica	600	570	450	240
Bioquímica	240	180	180	210
Q.Geral	120	240	300	330
Q.Inorgânica	120	240	300	240
Física	240	360	300	210
Matemática	240	390	300	330
Geociências	120	60	0	0
IC	0	240	240	240
Q.Experim/	0	0	150	60
Total	3660	3450	2460+	2460+
Tecnológicas	sim	sim	sim	sim
Ambiental	-	-	sim	sim
Biotecnol.	-	-	sim	sim
Bioq.Mol.	-	-	sim	sim
Licenciatura	sim	sim	sim	sim

➤ ANOS 2000
➤ CRIAÇÃO DO CURSO NOTURNO / QUÍMICA AMBIENTAL
➤ AMPLIAÇÃO DA GRADE DE OPÇÕES OU ESPECIALIDADES
➤ RENOVACÃO DO CORPO DOCENTE COM 13 NOVAS CONTRATAÇÕES E APOSENTADORIAS



Prof. Renato participando de uma banca examinadora com os Profs. Geraldo Vicentini, Senise, Simão Mathias e Ernesto Giesbrecht (1), foto com o Prof. Roberto Pitombo (2), com o Prof. Nicola Petragani (3) e seu carrão Jaguar (4).

produtividade e desempenho dos docentes, expondo publicamente os currículos Lattes e gerando muitas reportagens polêmicas a respeito. Para competir nos editais seria preciso investir no programa de pós-graduação, recrutado alunos mais qualificados, especialmente formados para fazer ciência. Os rótulos das áreas de Inorgânica, Orgânica, Físico-Química e Analítica desapareceram do currículo, e foram substituídos por temáticas, como Coordenação, Eletroquímica, Cinética, Mecanismos etc. Foi valorizada a integração das áreas, e o desenvolvimento de Projetos, que mais tarde passou a ser disciplina obrigatória de iniciação científica. Isso resume a grande reforma de 1990. O Professor Cecchini era o nosso consultor permanente,

substituindo o Prof. Vanin, já bastante ocupado pela sua atuação na FUVEST.

1990 foi também meu marco institucional, como Presidente da Comissão de Pesquisa, cuja função inicial, projetada pelo Diretor Hugo Armelin, era a de planejamento. Novamente foi feito um diagnóstico da situação do Instituto de Química, e lançado o Primeiro Plano Diretor do Instituto, englobando ensino e pesquisa. Esse plano foi recebido de forma crítica pelos docentes. Isso fez ressurgir a força dos Departamentos, que se passou a se estruturar de forma independente, como é atualmente. A Comissão de Planejamento Institucional deixou de existir, na forma como foi criada originalmente. Uma das consequências da reforma curricular foi o fortalecimento das áreas de Ensino e Educação em Química, com grande participação de professores, como Pitombo e Cecchini. Era sempre muito gratificante ver o Prof. Cecchini na lista dos homenageados pelos formandos do IQ.

As próximas reformas curriculares foram marcadas em 2005, refletindo a criação do curso noturno de Química Ambiental e a adaptação da grade curricular para o mercado de trabalho, com redução da carga horária para facilitar a realização de estágios e a ampliação das especialidades oferecidas.

Depois de sua aposentadoria em 1995, Renato Cecchini permaneceu como Professor Colaborador no Instituto de Química, compartilhando seu entusiasmo nas aulas de química geral. Ele está entre os últimos docentes da geração que conviveu com Heinrich Rheinboldt, ao lado do saudoso mestre Nicola Petragani.

Finalmente, não posso deixar de registrar minha gratidão pela consideração e carinho que recebi nesses 50 anos de convivência, incluindo seus comentários estimulantes sobre os livros que publiquei e os kits de química, que possivelmente lembraram seu trabalho na FUNBEC. Como me disse um dia o Ernesto Giesbrecht: os velhos mestres nunca morrem. Eles sempre permanecem em nossa vida e em nossa memória.

Prof. Henrique Eisi Toma

Homenagem ao Prof. Renato Cecchini

A vida de Renato Cecchini ultrapassou as fronteiras da paixão e se enveredou pelos caminhos do amor, chegou a ser cientista de alma, mas se tornou professor de coração de uma vida de luta e transformações. Profissional de intensa dedicação na execução de suas tarefas, deixou a sua marca sem fazer alarde, o tempo jamais o deixará esquecê-lo. Os jovens que também um dia serão velhos o reconhecerão em homenagem em uma das salas do IQ.

Não deu trela a sofisticação e a tudo que era pomposo, atravessou décadas e chegou quase a um século, levado pelo valor da simplicidade. De tão simples e autêntico, apreciava uma boa música, com a pureza dos anjos celestiais.

Por incrível que pareça no seu dicionário não constava a palavra vaidade, mas também, para que, se a modéstia estava no seu dia a dia, principalmente pela sua sensibilidade e atenção ao que realmente importa na vida.

Não valorizava a controversa palavra orgulho se enveredava pelos atalhos da humildade e da importância ao ser humano e à ciência. Sempre considerava o aluno com grande apreço e atenção, para ele a aprendizagem era a meta a ser atingida.

Certo dia alguém lhe perguntou qual era a sua maior ambição, “como professor e cientista o senhor deseja o poder?”, pensou, ... e não soube responder, justamente porque era generoso, solidário, fraterno e caridoso, virtudes que os bons mestres adquirem e cultivam ao longo da vida e estão em sintonia com Deus. Homem de excelente índole, excelente professor, esposo, pai, amigo e companheiro. Partiu deixando muito carinho e saudades. Acredito que na nova morada foi recebido para uma vida de luz e de muito trabalho, espero um dia ter o privilégio de reencontrá-lo. Que Deus abençoe e reconforte a sua família. Esta é a vida de Cecchini.

Prof. Jivaldo do Rosário Matos

Professor Renato Giovanni Cecchini - Memórias

Há cinco anos tive a oportunidade de escrever um artigo para o ALQUIMISTA em homenagem aos seus 90 anos e na ocasião imaginei que estaria escrevendo outro em homenagem aos seus 95. Infelizmente o grande mestre se foi deixando muita saudade e um grande lastro de realizações. O que se segue não é sua biografia pois para tanto não disponho nem de espaço nem de competência. São apenas memórias, fruto de mais de cinquenta anos de convivência, como aluno, colega e amigo. Aqui destaco não apenas Renato Cecchini, mas várias outras pessoas mencionadas por ele, quase sempre de maneira elogiosa ou pelo menos amigável nas nossas conversas, que foram muitas. Aliás essa era uma de suas características marcantes—não se colocar no centro do palco. Numa de nossas conversas lembro dele ter dito que considerava a sua contribuição tanto ao ensino como a pesquisa, muito modesta. Para mostrar a minha total discordância disse-lhe que os seus ex-alunos estavam pensando em mudar seu nome para PERRENATO CECCHINI, e alguns dias depois deixei sobre sua mesa um pequeno frasco de PERRENATO DE POTASSIO! Acho que ele gostou muito dessa blague pois mesmo passados vários anos ele se lembrava com muito bom humor. Renato e seu irmão Marco Antônio se graduaram em Química na velha escola da Alameda Gleite. Percebeu que sua grande vocação era a docência, e em particular na área de Físico-Química. Foi contratado nos anos 1950 no ITA em São José dos Campos, onde seu irmão fez carreira e chegou a ser Reitor. Nesse período no ITA foi colega de Aron Kupperman, Romulo Ciola, Sergio Porto, que se tornariam estrelas tanto na ciência brasileira como internacional. Por inúmeras vezes manifestou sua grande admiração por Aron Kupperman que logo se tornaria o mais jovem Full Professor da Caltech! Outra personalidade muitas vezes mencionada por ele era Ricardo Ferreira, seu contemporâneo no curso de graduação. Fazia questão de lembrar com detalhes aquele jovem pernambucano que aos 18 anos escrevera um artigo a respeito da estrutura controversa de um oxiácido de iodo e o enviou para Linus Pauling, que se entusiasmou com a proposta, e o artigo foi publicado! Renato costumava dizer que tanto Kupperman como Ricardo Ferreira estavam entre as pessoas de maior talento que havia conhecido, e que ambos eram bastante críticos da abordagem totalmente clássica e experimental dos mestres alemães Rheinboldt e Hauptman, mas reconhecendo seus enormes méritos como experimentalistas e excelentes didatas. Já na década de 1950, ficava claro a lacuna existente no curso de Química pela ausência da Físico-Química, principalmente nos seus aspectos mais modernos. Numa tentativa de suprir essa deficiência, Simão Mathias havia estagiado em importantes centros nos Estados Unidos e ao retornar percebeu que seria impossível ter no Brasil financiamento para adquirir aqueles equipamentos, mesmo os mais modestos. Resolveu então com os poucos recursos disponíveis iniciar uma linha de pesquisa centrada no estudo de propriedades dielétricas da matéria. Nessa tarefa contou com seus assistentes Eurico de Carvalho Filho e Renato Giovanni Cecchini. Não é, pois, coincidência que as teses de doutorado dos dois assistentes, ambos orientados por Simão Mathias, sejam centradas na determinação do momento de dipolo elétrico de uma série de moléculas orgânicas. Renato Cecchini muito

gentilmente me emprestou o seu exemplar pessoal da sua tese, e pude constatar o trabalho experimental gigantesco envolvido na determinação precisa dessas constantes moleculares, várias delas adotadas em tabelas internacionais. Várias inovações introduzidas por Mathias e seus assistentes foram adotadas em outros laboratórios do exterior e bastante elogiadas.

Mas, em inúmeras ocasiões em que trocamos ideias ficou claro para mim que ele era bastante crítico dessa linha de pesquisa. Nas suas palavras: um trabalho experimental quase desumano para preencher tabelas de constantes moleculares! Então já nos anos 1960 o próprio Professor Simão Mathias tinha plena consciência que a Físico-Química feita e ensinada na Gleite já estava anos-luz atrás do que ocorria nos grandes centros. Agora já existia a FAPESP além dos apoios do CNPq e da Fundação Ford, tornando possível a vinda de jovens pesquisadores na área de Físico-Química, como Jose Manuel Riveros, Eduardo Peixoto, entre outros. Mathias foi ainda decisivo para a vinda do Professor Leonard Reeves, que assumiria o Laboratório de Ressonância Magnética Nuclear, o primeiro da América Latina, como também para a transferência do Laboratório de Espectroscopia Molecular chefiado pelo Professor Hans Stammreich, da Física para a Química. Por outro lado, existe um fato da maior importância no contexto da Físico-Química do Departamento de Química que é muito pouco mencionado, apesar da sua enorme importância para tudo o que ocorreu depois. Até 1961 não existia um laboratório didático de Físico-Química Experimental e na sua criação a participação de Renato Cecchini foi fundamental. Foi necessário um esforço gigantesco para criar dezenas de práticas feitas com equipamentos em grande parte *home made*, testá-las, etc. Sempre com a preocupação da obtenção de dados com a maior precisão possível. Em muitos casos tinha-se a impressão de que se estava num laboratório de pesquisa. Talvez poucas pessoas saibam que ainda nos anos 1960 visitou o departamento de Química o Professor Farrington Daniels, autor de um consagrado texto de Físico-Química Experimental, hoje talvez com mais de 10 edições. Ficou muito impressionado com a quantidade e qualidade dos experimentos desse laboratório e fez questão de manifestar isso a Simão Mathias e Renato Cecchini. As suas conhecidas modéstia e discrição nunca o permitiram alardear esses fatos. Com a modernização das linhas de pesquisa da Físico-Química, agora já no Instituto de Química, novos experimentos foram continuamente introduzidos nesse laboratório, envolvendo espectroscopia atômica e molecular, difração de raios-X, RMN, entre outras. Isso foi sempre um motivo de enorme satisfação para Renato Cecchini, ou seja, ver a sua criação atingir patamares cada vez mais altos. Na verdade, passados mais de 50 anos da criação do laboratório didático de Físico-Química Experimental, Renato Cecchini, já aposentado há vários anos, continuou colaborando nessa disciplina com o mesmo entusiasmo de sempre! Minhas memórias das inúmeras conversas com o Prof. Renato Cecchini vão ainda muito mais longe envolvendo São Paulo antigo, lugares em Paris, restaurantes antigos, livrarias etc. Mas acho que já ocupei espaço demais, abusei demais da paciência de eventuais leitores e termino dizendo — como é bom ter saudade de quem admiramos!

Prof. Paulo Sérgio Santos

Quero juntar-me a homenagem da Profa. Ana Maria ao Professor Renato Cecchini. Também fui sua aluna e posso testemunhar sobre a sua postura sempre solícita e agradável para com os alunos. Nas várias décadas em que integrou, primeiro o Departamento de Química da FFCLUSP, e depois, o Instituto de Química sempre se constituiu num elemento que agregou contribuições positivas à Instituição. Muita saudade, Professor.

Profª. Shirley Schreier

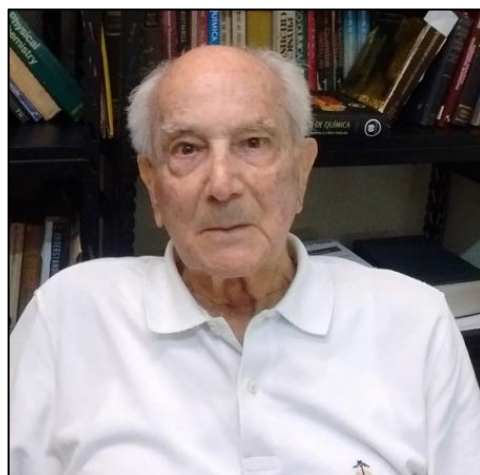
Renato Cecchini foi longo, não apenas em anos vividos, mas em todas as atividades a que se dedicou. A razão é simples: Tudo abraçava com extraordinária paixão, nada via como mera tarefa a ser realizada.

Foi o docente que mais tempo lecionou no curso de química da USP em São Paulo, contando efetiva presença em sala de aula ou laboratório didático. Começou, em 1953, como assistente da Cadeira de Físico-Química no que era o Departamento de Química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, e só parou há pouco, já com mais de 90 anos de idade, no Departamento de Química Fundamental do Instituto de Química. À sua atividade didática deve-se acrescentar o período de 1951 a 1953 como assistente no Instituto Tecnológico de Aeronáutica.

Um de seus grandes feitos foi a implantação do laboratório didático de Físico-Química, a partir de 1959, ainda na Alameda Glette, antes de defender sua tese de doutorado, em 1962. Este laboratório contava com experimentos bastante avançados para a época. Em consequência, foi altamente elogiado por ninguém menos que Farrington Daniels, professor da Universidade de Wisconsin, Estados Unidos, autor de livro seminal de Físico-Química e de outro, de Físico-Química experimental, em visita ao Brasil. Inicialmente, ele mesmo ministrou as aulas de laboratório. Porém, depois de alguns anos, Simão Mathias, seu orientador, afastou-se das atividades didáticas, passando a se dedicar quase exclusivamente à construção do Conjunto das Químicas na Cidade Universitária. Foi então que Renato Cecchini teve de assumir aulas teóricas. Nisso foi praticamente autodidata e seu interesse em continuar estudando e se aperfeiçoar nunca o abandonou. Mesmo após sua aposentadoria, quando continuou em plena atividade no Instituto de Química, era possível encontrá-lo em sua sala lendo um livro de química e se aprofundando em algum assunto. Uma vez comentou que, no começo, não sabia o que era relevante no ensino de Cinética Química e por isso se limitava a deduzir equações e mais equações na lousa, aula após aula. No entanto, fazia-o de forma tão organizada, que era fácil acompanhar seu raciocínio. Sua contínua dedicação aos estudos logo tornou as aulas mais interessantes. Na década de 1980, voltou ao laboratório de FísicoQuímica. Era impressionante seu entusiasmo por essas aulas. Suas experiências preferidas, as quais supervisionava, eram as de pressão de vapor, equilíbrio líquido-vapor, destilação fracionada, crioscopia, picnometria e força eletromotriz. A que mais lhe agradava era, por certo, a de pressão de vapor. Explicava minuciosamente os detalhes da aparelhagem e as correções que precisavam ser aplicadas às medidas de pressão. Quando era necessário refazer o vácuo de Torricelli no barômetro, um componente pesado da aparelhagem, contendo grande volume de mercúrio, era ele que o pegava da bancada e, com grande agilidade, o colocava no chão, mesmo quando já aposentado. Continuou nesse laboratório até ser extinto numa reforma curricular.

Durante mais de uma década foi presidente da Comissão de Ensino e seu nome praticamente se tornou sinônimo dessa Comissão.

Fenômeno análogo ocorreu na condição de coordenador dos exames vestibulares de química. Muitas vezes, mal conseguia esperar a próxima reunião para voltar a discutir as



Prof. Renato Giovanni Cecchini.

questões da prova e aperfeiçoar sua redação, tornando-as mais claras e de mais fácil compreensão pelos vestibulandos. Seu entusiasmo demonstrado por essa tarefa e sua dedicação a ela são dignos de nota.

Além de sua paixão pela Química, havia as paixões particulares. Uma delas era a música, em especial a ópera. Provavelmente teve influência familiar, pois seu pai fora presidente da Sociedade Pietro Mascagni em cidade do interior de São Paulo. A obra mais conhecida desse compositor deve ser a Cavalleria Rusticana. A cantora que mais admirava era Maria Callas. Não se cansava de falar de suas interpretações de Tosca de Giacomo Puccini. Porém, não desprezava Renata Tebaldi, suposta rival de Callas, e, apesar de ter afirmado em certa ocasião que tinha preferência por vozes femininas, também conhecia profundamente os tenores e barítonos da época, bem como os contemporâneos. Costumava ouvir ópera no carro e não era raro surpreendê-lo em sua sala, fazendo o mesmo. Perguntado se costumava acompanhar as óperas pelo libretto, disse que só gostava mesmo da música. A história não valia a pena, era sempre a mesma: O mocinho apaixonado pela mocinha, que já estava prometida ao vilão pela madrasta. Outra história que contou com humor foi a de uma de suas filhas surpreendê-lo na sala de estar ouvindo ópera e exclamar "Ô pai, que barulho é esse?". Era capaz de perdoar um aluno por desempenho acadêmico fraco, desde que conhecesse ópera.

Prosseguindo nas suas paixões extraprofissionais, destaca-se o tênis, esporte que praticava regularmente aos fins de semana no Clube Paulistano. Um dia, prontificou-se a jogar uma partida no CEPEUSP e, ainda por cima, de simples, época em que já jogava apenas partidas de duplas. O jogo só não terminou em empate porque esse resultado não é possível no tênis.

Renato Cecchini sempre mostrou enorme abnegação na sua dedicação ao Instituto de Química, apesar de nunca ter tido a possibilidade de fazer uma carreira de sucesso como pesquisador, algo que hoje parece natural aos jovens. No entanto, sua trajetória científica merece a mais alta consideração e é modelo exemplar a ser seguido.

São Paulo, 22 de março de 2021

Prof. Peter Wilhelm Tiedemann

Meu primeiro contato com o Prof. Renato Giovanni Cecchini ocorreu no início da década de 1980, quando cursei a disciplina denominada, na época, Físico-Química II. Lembro que a lousa geralmente já estava preenchida com inúmeras equações antes do início da aula! A disciplina versava sobre Termodinâmica e não era fácil entender tantos conceitos abstratos. O Prof. Cecchini tinha um fascínio pela equação de Gibbs-Duhem, relativa a potenciais químicos. Os mais veteranos diziam: "escreve Gibbs-Duhem na prova e você já ganha 1 ponto". Não lembro se adotei o conselho, mas fui aprovado.

No ano seguinte, fui novamente aluno do Prof. Cecchini, desta vez na disciplina Físico-Química Experimental. O laboratório era enorme, bem equipado e estruturado pelo Prof. Cecchini desde a década de 1960. As atividades eram longas, mas ele acompanhava os alunos de perto, dava instruções e exigia comprometimento. Era pontual, sério, generoso e respeitava os alunos. Apesar de os equipamentos serem antigos, já à época, os experimentos eram úteis para o aprendizado e comprovação da teoria.

O Prof. Cecchini parecia tímido, não gostava de ser o centro das atenções, mas sempre cumpriu suas tarefas com enorme responsabilidade, quer fossem elas acadêmicas ou administrativas. Tinha convicções fortes e as defendia com argumentos consistentes. Foi o primeiro presidente da Comissão de Graduação do IQ e desempenhou esta tarefa exemplarmente por muitos anos. Era apaixonado por suas duas filhas e mencionava com frequência suas viagens a São Francisco para visitar uma delas.

Quando assumi a Chefia do Departamento, o Prof. Cecchini me procurou e se colocou à disposição para ajudar no que fosse necessário. As aulas poderiam ser de qualquer disciplina, "até de Analítica, se você quiser" brincava ele, "desde que não seja aos sábados", complementava. Que ele seria capaz de dar aulas de diferentes disciplinas eu não tinha a menor dúvida, dada sua sólida formação em Química. Como não possuía computador, satisfazia-se com e-mails institucionais impressos por uma das secretárias. Solicitou apenas a manutenção de sua pequena sala, no B3-S, e nunca se opôs em compartilhá-la com outro docente, se necessário. Na condição de seu "chefe", posso dizer que ele foi um "funcionário" exemplar!

Até a década de 1990, era frequentador do CEPEUSP, onde jogava tênis. Adorava um bom vinho, tinha uma memória prodigiosa e gostava de contar histórias. Era uma pessoa boa, agradável, sem inimigos. Seu pigarro era inconfundível.

Às vezes, ao se dirigir para casa no final do dia, passava pelo B2-S e eu sabia que ele estava se aproximando. Conversávamos um pouco sobre assuntos diversos e, em seguida, ele seguia seu rumo, ansioso por retornar ao IQ no dia seguinte.

Há alguns anos, reuni docentes com vínculo formal ao Departamento para um jantar de confraternização no salão de festas de meu prédio. Eu, minha esposa e uma amiga (que adora cozinhar!) decidimos que comida árabe seria uma boa opção. Preparamos os pratos durante algumas noites, a organização foi trabalhosa, mas acho que o jantar foi um sucesso, tanto pela comida quanto pelo ambiente alegre e descontraído. Entretanto, embora tenha gostado do evento, o Prof. Cecchini, iniciando a frase com seu característico "belo", confidenciou na semana seguinte: "belo, essa coisa de comida árabe não é igual a uma farta macarronada". Mais sincero, impossível! Era uma pessoa genuína!

Sensibilizados pelo comentário e porque ele realmente apreciava uma macarronada, decidimos convidá-lo para um jantar. Todavia, em 2018 e 2019, comecei a perceber que ele já não frequentava o IQ regularmente e o convite foi sendo postergado. Descer a escada do B3-S já parecia ser uma tarefa lenta e dolorosa. Antes de ir para seu carro, ele permanecia alguns minutos sentado nos bancos do corredor central. O peso dos anos começava a se manifestar, mas a mente continuava lúcida! Em fevereiro de 2020, no estacionamento, encontrei o Prof. Cecchini, conversamos alguns minutos e então, de pronto, ele falou: "E a macarronada? Estou ficando velho...". Após esse "lembrete", combinamos na hora: "Em março a gente finalmente saboreia a famosa macarronada lá em casa!" Março chegou, junto veio a pandemia e o final, todos conhecemos....

A mensagem é simples: parece que o tempo passa cada vez mais rapidamente e, envolvidos pelo dia a dia, esquecemos das pessoas que respeitamos e que fazem parte de nossas vidas, e não reverenciamos os pequenos momentos transformadores. Minha última lembrança do Prof. Cecchini será sempre a de uma pessoa boa, cordata, séria, responsável e humilde. E como ele gostava de expressões em latim, encerro esta homenagem com a resposta à questão *Ubi sunt qui ante nos fuerunt?* (*onde estão aqueles que foram antes de nós?*), tendo o Prof. Cecchini como personagem: com seu pigarro característico, apreciando um bom vinho e saboreando uma bela macarronada, onde quer que ele esteja!

Prof. Mauro Bertotti

Escrevo para deixar um depoimento. Adeus a um mestre querido e inesquecível.

Com muita tristeza soube do falecimento do querido Prof. Renato Giovanni Cecchini. Como ex-aluna e ex-colega, gostaria de expressar aqui, como um depoimento aos mais jovens que não o conheceram, o quanto sua passagem pelo IQ foi importante e extraordinária.

Sempre com formidável bom humor, atencioso, solidário, tinha enorme delicadeza e sensibilidade para com alunos e colegas. Foi docente por muitas décadas, sempre lecionando disciplinas da Físico-Química. Participou de atividades didáticas mesmo já com idade avançada. São muitas e variadas as histórias protagonizadas por ele, e das quais fui testemunha, senão participante.

Como aluna, admirava sua calma e sua organização de lousa, onde cuidadosamente deduzia as inúmeras equações cinéticas, às quais se referia frequentemente como "carroções". Era famoso pelo carro que tinha à época, um Jaguar dourado. Ou mais recentemente, por uma Variant extremamente bem conservada. Fomos membros da mesma equipe na Comissão de Graduação por vários anos, nos anos 90, juntamente com Elizabeth de Oliveira e Zenaide Scattoni, e lá Renato analisava os problemas sempre do ponto de vista dos alunos, tentando a todo custo uma conciliação.

Memoráveis eram seus comentários e descrições sobre eventos no IQ, em que seu ponto de vista crítico e ao mesmo tempo solidário prevalecia. Alegrou todas as festas e comemorações, em que era assíduo.

Deixa muitas saudades. Siga em paz.

Profª. Ana Maria da Costa Ferreira

Homenagens ao Prof. Cecchini

É com muito pesar que comunico aos colegas do Instituto de Química o passamento de meu ex-professor e grande amigo o Dr. Renato Giovanni Cecchini, que compartilhamos diariamente por mais de 10 anos os almoços na FEA.

Adicionalmente, conjuntamente com os amigos professores: Roberto Casadei de Batista, Liliana Marzorati, Nina Coichev, Divo Leonardo Sanioto (falecido), comemorávamos nossos aniversários em seu apartamento com umas belas pizzas, vinho e muita risada, rememorando as efemérides e o dia a dia de nosso querido Instituto de Química. Muitas vezes acompanhado por algumas óperas e canzonetas italianas que o Renato tanto gostava.

Conheci o Renato como Professor Assistente de Físico-química que se doutorou em 1962, quando eu estava no 1º ano do Curso de Química na Alameda Gleite. Ele foi meu Professor das aulas teóricas de Cinética química e de Eletroquímica, em 1964 (no 3º ano), proferindo aulas magistrais com muita didática. Foi nesta época que surgiu meu interesse pela físico-química orgânica decorrente das aulas de Físico-química como também de mecanismos de reações orgânicas ministradas pela Profa. Blanka Wladislaw, no mesmo ano. Por conseguinte, já no conjunto das Químicas em 1966, iniciei meu doutorado com a Profa. Blanka em físico-química orgânica.

Para finalizar gostaria de enfatizar que o Professor Cecchini se dedicou de corpo e alma ao ensino de Química sendo por várias décadas presidente da Comissão de Ensino da Graduação do IQ, dando sempre grande ênfase à Físico-química.

Sentirei muito a sua presença física, mas estou convicto que ele estará no mais alto dos céus pelo seu ilibado caráter de pai e exímio Professor do Instituto de Química da USP.

Prof. Paulo Olivato

Frase do mês

“Não há lugar para a sabedoria onde não há paciência.”

Santo Agostinho



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
- Instituto de Química -

Reitor

Prof. Dr. Vahan Agopyan

Pró-Reitora de Cultura e Extensão

Profª. Drª. Maria Aparecida de
Andrade Moreira Machado

Diretor

Prof. Dr. Paolo Di Mascio

Vice-Diretor

Prof. Dr. Prof. Pedro Vitoriano de
Oliveira

Chefe do DQF

Prof. Dr. Josef Wilhelm Baader

Chefe do DBQ

Prof. Dr. Maurício da Silva Baptista

Editor

Prof. Dr. Hermi F. Brito

Tiago B. Paolini (Secretário)

Colaboradores:

Fábio Yamamoto

Cezar Guizzo

Jaílton Cirino Santos

Lucas C.V. Rodrigues

Lucca Blois Guimarães

Matheus Salgado Nichile Saula

Renato Cecchini e eu éramos, praticamente, vizinhos na parte superior do bloco 3. Com a porta do escritório constantemente aberta, eu o via sempre preparando aula ou estudando físico-química, até aos 90 anos e além. Mais do que isso, eu ouvia sua voz poderosa, quando conversava com alunos ou colegas. A proximidade nos levou a almoçar juntos algumas vezes e, durante o dia, a tomar cafezinho na copa. Ora ele me convidava, ora eu o chamava. As idas ao cafezinho eram produtivas. Trocávamos ideias sobre a termodinâmica, eletroquímica, físico-química de interfaces, como explicar aos alunos aspectos mais complexos da matéria e sobre as transformações nem sempre positivas pelas quais o alunato passou no decorrer de nossos mais de cinquenta anos de docência. Outras vezes o assunto era a administração do instituto, os planos do IQ para o futuro ou a carência de planos, a ciência acadêmica com sua falta de vínculo com os interesses da sociedade e assuntos similares. Às vezes o papo enveredava pela história, vista por dois imigrantes, que no Brasil encontraram as oportunidades inexistentes em suas terras de origem. Dois brasileiros naturalizados, agradecidos.

Num desses cafezinhos, Cecchini fez-me um dos três elogios que jocosamente, eu chamo de principais da minha vida. Disse-me, com sua sinceridade característica, a voz alta: “Tibor, agora que a gente tem tomado café e almoçado junto, cheguei à conclusão de que você não é tão ruim quanto eu pensava.” Embora um conservador no que se refere aos costumes, educação e política, Cecchini, como todo ser humano inteligente, era sensível às questões sociais e às ações políticas. Assim aceitou facilmente minha argumentação a favor das cotas raciais e sociais. Também concordávamos em que era estupidez da parte de alguns membros do corpo docente a hostilidade em relação ao sindicato, ADUSP, e os movimentos dos funcionários, inclusive a greve, que no final das contas visavam a defesa da universidade pública e gratuita, a defesa da ciência e os direitos da sociedade. Ou seja, os interesses de professores, alunos e funcionários eram comuns a todos (com pleonismo, mesmo!).

Cecchini amava o instituto e se alegrava com o sucesso de seus colegas. Chegou a pendurar nas paredes de seu escritório fotografias de colegas sendo homenageados por alguma instância externa. Cioso dos deveres, justo e radicalmente honesto, ele ficava triste quando descobria ato desonesto de algum aluno e não se furtava de expressar esse sentimento, claramente, altíssimo, nem que fosse na classe ou no laboratório. Leal colega e amigo, Renato Cecchini ficou abaladíssimo, quando o Departamento de Química Fundamental me recusou renovar meu status de Professor Colaborador Sênior. Durante dias passava na minha sala, abanando a cabeça, para me dizer que não entendia o que foi que aconteceu. Apesar de lhe assegurar que eu pagava de bom grado o custo de ter sido um docente que exigia dos alunos atitudes maduras, rigor científico, responsabilidade e de ter apoiado os funcionários em suas reivindicações, além de ser representante do instituto junto à ADUSP – os fatos, não as alegações é que importavam. Assim mesmo, Cecchini, em solidariedade, recusou-se a participar de uma planejada homenagem do departamento aos seus 90 anos, dizendo que “não quero a homenagem, e se fizerem, eu não irei!” Um gesto de amizade e lealdade, que somente uma grande alma poderia protagonizar. E pelo que sou lhe muito grato. Renato Giovanni Cecchini concentrava e conservava em si tudo que havia de bom na velha Gleite.

Prof. Tibor Rabóczkay

QUER COLABORAR?

Para colaborar com o jornal **ALQUIMISTA**, entre em contato através do e-mail: alquimia@iq.usp.br Eventos, artigos, sugestões de matérias ou qualquer outra atividade de interesse do IQUSP podem ser enviados. Todos podem colaborar. Sejam eles, professores, funcionários, alunos ou interessados.